

**A** PROXIMA-SE a data do IV Congresso Nacional de Medicina Interna.

Após realizações idênticas em Coimbra, Lisboa e Porto (Praia da Granja), será de novo em Coimbra que esta importante reunião vai ter lugar nos dias 30 e 31 de Maio e 1 de Junho do próximo ano.

Retrocedendo no tempo, recordo que, na década de setenta, a Medicina Interna portuguesa era personificada pela sempre referida Escola dos Hospitais Civis de Lisboa, acompanhada por alguns vultos que, isoladamente ou integrando pequenos grupos, se destacavam no Porto e em Coimbra. Fora destes três centros, e perdoem-me qualquer injustiça, a Medicina Interna em Portugal não tinha expressão.

Na segunda metade daquela década, assistiu-se à opção pelas subespecialidades de muitos colegas da área da medicina, os quais vieram naturalmente enriquecer, não só com a sua preparação específica, mas também através dos exames complementares que passaram a utilizar e a disponibilizar, o cenário do diagnóstico em Medicina Interna.

Os internatos de especialidade iniciaram-se então com regularidade, preparando os internos com o objectivo de, uma vez atingida uma boa qualificação na especialidade, virem a ocupar um lugar no quadro dos hospitais. Foi pois naturalmente que nos vários serviços com capacidade formativa, se prepararam dezenas de especialistas em Medicina Interna, os quais ocupam hoje praticamente todos os lugares disponíveis nos nossos hospitais.

A criação de vagas para Medicina Interna, e o seu preenchimento nos hospitais fora dos grandes centros, foi outro ponto importante do ciclo que vivemos.

Com algumas carências pontuais, o país está bem apetrechado na nossa especialidade, quer em quantidade, quer em qualidade. Disso é prova inequívoca a pujança e o nível científico sempre crescentes dos nossos congressos. O próximo, acredito firmemente, não fugirá a esta tendência.

A Comissão Organizadora, à qual pertenço, está fortemente empenhada em fazer dele uma realização científica que envolva, se possível, todos os internos de Medicina Interna e internistas portugueses.



Procuraremos chamar para as intervenções, colegas do maior número de hospitais dentro e fora dos grandes centros. Fazemos questão que cada um se sinta representado neste ou naquele interveniente. Privilegiaremos a representação nacional, estando, contudo, prevista a presença de alguns colegas estrangeiros, criteriosamente escolhidos.

Sugiro a todos que comecem a planear a sua participação, quer disponibilizando a sua agenda, quer preparando os trabalhos que pretendam apresentar.

A reunião, mais uma vez, de várias centenas de internistas e internos de Medicina Interna, vai ser uma realidade.

A elevada participação que, tenho a certeza, se vai verificar, adicionada ao bom nível científico que auguro para este IV Congresso, serão certamente gratificantes para todos nós, bem como sinal inequívoco da vitalidade da Medicina Interna portuguesa.

Até Coimbra, em Maio próximo.

**Ávila Costa**